

DANÇA NA MATURIDADE: PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE DANÇA PARA ADULTOS SURDOS

VICTOR TECHERA SILVEIRA¹;
KARINA ÁVILA PEREIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 - victor.techera.silveira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas 3 - karina.pereira53@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escrita a seguir está relacionada à minha atual prática docente dentro do Projeto de extensão “A comunidade surda reinventando a arte do balé”. Este projeto tem por objetivo levar cultura e arte para surdos da cidade de Pelotas, através das ações de ensino de dança para surdos adultos, aulas de balé clássico para crianças surdas, bem como aulas de literaturas adaptadas ao balé, e ainda criação de um curta para a divulgação da dança na comunidade surda. Neste resumo tratarei de minhas percepções quanto bolsista deste projeto com foco na maturidade, ampliando os trabalhos dentro da comunidade surda e acolhendo também os adultos que quisessem participar desse projeto. Desta forma outras metodologias e objetivos foram traçados para que esse público pudesse participar ativamente das aulas de dança.

Outras questões foram surgindo para guiar as pesquisas de ensino dentro desse público, dentre elas pensar que estilo de dança seria mais do gosto dos adultos, bem como entender o processo de aprendizagem desses adultos surdos que já tem vivência de mundo e cultura surda. Segundo Strobel (2008) entendemos como cultura surda a maneira com que a comunidade surda entende e adapta o mundo através de suas percepções visuais tornando-o acessível aos seus iguais.

Somado a isso foi preciso pensar novos trabalhos de expressão corporal para o desenvolvimento motor, rítmico, de tempo e de qualidade e intenção de movimento. E assim a dança dentro desse projeto de extensão torna-se inclusiva para esses adultos que buscam movimentar-se para ter uma vida mais saudável e também ter contato com modalidades de artes cênicas.

O projeto de extensão oferece então aulas semanais uma vez na semana de 1 hora e 30 minutos nas terças-feiras no Centro de Artes bloco II sala 101. Após algumas questões de sondagem com os adultos surdos escolhemos dar aulas de ritmos, mais especificamente ritmos dos anos 70 e 80. Escolhendo trabalhar especificamente com uma música do “ABBA – Dancing Queen”, pois apesar de não escutarem a música alguns dos adultos surdos viveram nesse tempo e tem referência visual de vestimenta, de gestos, de estilo de vida, de movimentos e gostos dessa época.

Pensando que esses adultos conseguem ver, experimentar, vivenciar e sentir o mundo de outra forma dando identidade a essa maneira diferenciada de estar presente na sociedade, ao oferecer essas aulas para os adultos surdos e também para as crianças surdas defendemos a visão de que a surdez é vista como identidade e não como deficiência. (STROBEL, 2008)

2. METODOLOGIA

O conceito de Pedagogia Visual, com as propostas de LACERDA; SANTOS; CAETANO (2013), ainda embasa a metodologia de trabalho do projeto, pensando que elementos visuais em primeira mão auxiliam no entendimento das atividades propostas.

A abordagem triangular de BARBOSA (1995) também auxilia no trabalho em aula pensando na contextualização como forma de entender na teoria a dança, na fruição para que os alunos possam trabalhar o sensível através das apresentações em dança e no fazer da dança, no momento em que estamos produzindo obras artísticas em conjunto com os alunos dentro da sala de aula. Orientando os alunos da importância que esses três pontos trazem, tentando ver produto final através do processo de aprendizagem de cada sujeito. Ressaltando sempre a importância de se estar realizando aquela atividade independente do motivo, seja ela como forma de atividade física ou pela experiência estética de uma modalidade de arte cênica.

Outros elementos também são usados nessas aulas: o trabalho de tempo e ritmo através da vibração da caixa de som; o uso de estalo de dedos na contagem do tempo assim como contar os números com a datilologia, também auxilia na técnica metodológica desse ensino.

As aulas têm um cronograma de atividades: iniciando com aquecimento e alongamento corporal, onde os alunos fazem exercícios para sentir como está aquele corpo naquele momento, a prática da coreografia, que são trabalhados movimentos em duplas formando casais, uma atividade de expressão corporal que trabalhe alguns elementos da dança (ritmo, tempo, intenção, qualidade de movimento) e por fim um relaxamento para realizar um *scanner* corporal e se autoperceber, trabalhando o sensível na dança.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após algumas apresentações de trabalhos em eventos, oficina ministrada na semana acadêmica do Curso de Dança Licenciatura da UFPel e nos encontros realizados na ASP (Associação de Surdos de Pelotas) o projeto ganhou mais visibilidade e assim no primeiro e segundo semestre de 2019 os adultos surdos têm agregado em nossos aprendizados sobre a comunidade surda e sua cultura, criando sinais emprestados e oficiais e também pesquisando com outras comunidades surdas, sobre a existência de sinais no vocabulário da dança para não usar somente a datilologia, e por sua vez tornando as aulas mais práticas com o uso frequente da língua brasileira de sinais.

Desta forma, foi possível perceber que o projeto cresceu muito e está auxiliando a comunidade surda com a disseminação da Libras (Língua Brasileira de Sinais) tendo mais profissionais de outras áreas que possam se comunicar com os surdos e também entender como acontece esse processo de criação de identidade e apropriação de mundo do sujeito surdo, uma vez que estamos trabalhando da infância a maturidade com a comunidade surda.

Todo trabalho feito até o presente momento está em processo, pois o projeto terá a realização de uma apresentação final encerrando o ciclo de 2019 em um espetáculo que contará a história do projeto e como ele acontece. Com

as atividades em andamentos não temos ainda um resultado final desses processos.

Sabendo que os adultos surdos já têm uma vivência de mundo, com cultura ouvinte e surda, torna-se mais viável ensinar e entender os processos de aprendizagem dos surdos. Desta forma, as aulas dos adultos não só auxiliam a entender como os surdos entendem os nossos ensinamentos, mas também qual a melhor forma de levar informação e conhecimento de dança para eles em determinadas situações, seja com os próprios adultos ou com as crianças.

4. CONCLUSÕES

Realizar um projeto que envolva uma parcela da população que é tida como deficiente e não como uma pessoa com outra identidade, como a comunidade surda, é de extrema importância para que essas pessoas tenham acesso à arte e cultura em geral, fazendo com que os ouvintes entendam que onde para muitos existe deficiência e impotência, para outros existe identidade e apropriação de uma nova forma de vida. A comunidade surda tem um grande meio de transmissão, a Libras, onde identidade e culturas se produzem a partir da experiência visual com auxílio de uma língua viso-gestual a Libras.

Torna-se então de suma importância reforçar essa língua nas escolas bilíngues e nas universidades públicas tendo ela como elemento característico de uma cultura e propiciador de comunicação entre seus pares e com o mundo ouvinte.

Pensar cultura surda é algo que ainda nos dias atuais remete a estranheza. Vários questionamentos perpassam a cabeça da comunidade ouvinte, que é majoritária, quando escutam falar sobre o tema “cultura surda”, muitas vezes se pensa na não existência dessa cultura por terem ou não conhecimento sobre o mundo dos surdos.

As aulas de ritmos para os adultos causam um bem estar, aumento de autoestima e por sua vez por trabalhar com o corpo também uma melhoria na saúde. Entender que os surdos podem fruir dança e aprender com ela também nos torna sujeitos mais sensíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos.(org) **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. EDUFSCAR: São Carlos, 2013.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

Barbosa, A. (1995). Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. *Comunicação & Educação*, (2), 59-64.